



Sociedade e Cultura

ISSN: 1415-8566

brmpechincha@hotmail.com

Universidade Federal de Goiás

Brasil

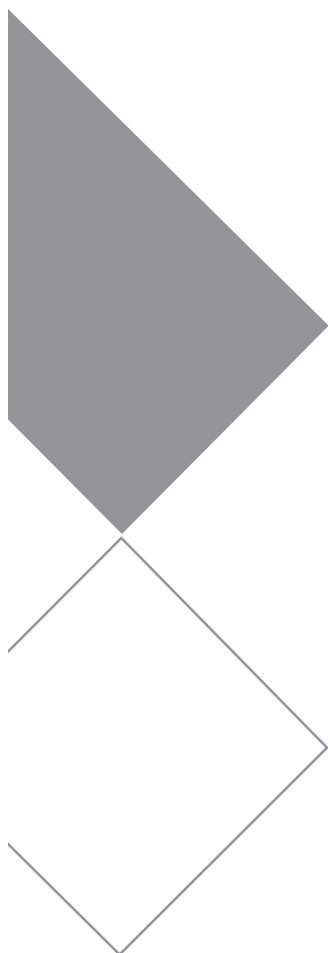
Alves de Sá Siqueira, Raíza Alves de
Mediações políticas: estudo do cotidiano de um vereador carioca
Sociedade e Cultura, vol. 12, núm. 1, enero-junio, 2009, pp. 45-53
Universidade Federal de Goiás
Goiania, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70312338006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Mediações políticas: estudo do cotidiano de um vereador carioca

RAÍZA ALVES DE SÁ SIQUEIRA

Doutoranda em Sociologia (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro)

Rio de Janeiro, Brasil

rsiqueira@iuperj.br

Resumo

Acompanhei, entre novembro de 2005 e novembro de 2006, a rotina de um membro da Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro que tem sua base eleitoral na zona oeste da cidade. O vereador, além de manter três centros sociais onde oferece serviços e atendimentos gratuitos para a população local, organiza muitos eventos ao longo do ano. O objetivo principal é refletir sobre seu processo de constituição como mediador entre o poder público e os moradores. Para tanto, analiso também as campanhas eleitorais de 2008, com o objetivo de discutir sua estratégia de aproximação com os eleitores.

Palavras-chave: mediação; política; eleições; centros sociais.

OS ESTUDOS SOBRE ELEIÇÕES e representação política têm ocupado papel central nas Ciências Sociais. Embora haja um número significativo de pesquisas que privilegiam o domínio mais institucionalizado do Estado e dos partidos políticos, há uma vertente antropológica no Brasil – denominada de “antropologia da política” – que se dedica às dimensões mais microscópicas dos “fenômenos políticos”. Nessa abordagem, a política é definida, e também analisada, por meio das próprias formulações dos sujeitos em situações concretas, específicas. Tal perspectiva, ao apontar para uma pluralidade de modos de construir as representações acerca da política, alarga o sentido que comumente se atribui a esse “universo”, sem rebaixá-lo a carências e faltas, seja do contexto, seja dos próprios atores.

Na minha análise enfocarei as tramas “micropolíticas” *do ponto de vista nativo*. Tais tramas não são encaradas aqui como miniaturização e sim como práticas capazes de desvendar processos fundamentais de publicização/democratização (Goldman e Sant’Anna, 1996). Para tanto, acompanhei a rotina de um vereador carioca,¹ Fernando, discutindo sua trajetória política, os dispositivos e os recursos acionados no processo de sua constituição como mediador entre poder público e população em geral. Também observei a campanha do vereador supracitado no loteamento Boa Esperança, situado no bairro de Guará, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Circunscrever a análise das campanhas eleitorais num único loteamento me pareceu interessante, na medida em que possibilita uma leitura mais densa das relações estabelecidas entre o candidato e seus potenciais eleitores e entre outros candidatos. Afinal, como são costuradas as relações entre Fernando e sua base eleitoral, concentrada, sobretudo, na zona oeste? Quais são os elementos contidos na representação exercida por esse vereador, que é aqui consi-

¹ A etnografia do “cotidiano da política” desse vereador foi realizada, sobretudo, no período entre novembro de 2005 e novembro de 2006. Os dados da pesquisa, de natureza etnográfica, são

derado em sua exemplaridade como um caso? Afinal, o que faz de Fernando um “fenômeno” de votos?

O vereador, como membro do Poder Legislativo, é representante dos cidadãos na esfera municipal. Cabe a ele elaborar, aprovar e rejeitar projetos de lei, sendo imprescindível, para tanto, o estabelecimento de relações especialmente com outros parlamentares, com o poder público e com os habitantes da cidade (eleitores). É possível notar que esses “universos” são bem diferentes entre si, contendo significados e valores distintos, e a habilidade para criar essa teia de relações parece indispensável, na medida em que é por meio desses contatos que ele consegue, em grande parte, atingir seus objetivos (aprovar ou derrubar um projeto, por exemplo). Como a capacidade de se ajustar aos diversos contextos e sofrer “metamorfoses” (Velho, 1994) é extremamente valorizada nessa atividade, pretendo analisar de que maneira Fernando – seja ao longo do mandato, seja no período eleitoral – procura adaptar-se a essas diferentes realidades e conquistar adesão e votos. A ideia, como já foi assinalado, é pensar as atividades políticas a partir das formulações e dos significados conferidos pelos próprios sujeitos.

O estudo das práticas e valores do vereador é, dessa forma, um caso privilegiado para avançar no debate “de como o sistema político formal é experimentado, vivido e transformado, através da trajetória e dos projetos de seus atores concretos” (Kuschnir, 2000, p. 8). Pensar a trajetória desse indivíduo, bem como a rede social na qual está inserido, torna mais complexa a discussão da prática política, destacando os múltiplos valores e significados que estão a ela vinculados.

“Quem trabalha tem história pra contar”

“Quem trabalha tem história pra contar.” Esse é um dos principais slogans de Fernando, que acaba de conquistar seu quarto mandato e está, pela segunda vez consecutiva, na lista dos vereadores mais votados do Rio de Janeiro. Nascido e criado na zona oeste carioca, Fernando se elegeu pela primeira vez no ano de 1996 para o cargo de vereador e, no ano seguinte, montou o primeiro centro social que viria a ser a marca de sua vereança nessa região.

Atualmente, o parlamentar sustenta uma rede de três centros sociais, os quais, segundo ele, são financiados por recursos próprios, contando apenas com uma parceria com o deputado estadual Marcos Santana, que é do mesmo partido político de Fernando. Além dos centros sociais que mantém, o vereador promove diversas reuniões ao longo do ano (inclusive em casa

Para analisar essas questões, acompanhei o vereador em diversas atividades para tentar conhecer sua rotina. Observei Fernando em atividades de gabinete, audiências públicas, sessões no plenário, acompanhamento de obras públicas, como troca de iluminação e, especialmente, nos centros sociais e nos eventos que promove na zona oeste do Rio de Janeiro. Também realizei uma breve etnografia da campanha eleitoral do vereador em 2008, no loteamento Boa Esperança, para analisar o processo de construção da adesão, bem como a disputa com outros candidatos.

Trajетória política

Fernando nasceu em Campo Grande, bairro da zona oeste carioca, e iniciou sua “vida política” a partir do envolvimento com a associação de moradores local. Segundo o vereador, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, a zona oeste apresentava muitos problemas referentes à legalização e à urbanização dos loteamentos e, por conta disso, os moradores se organizavam em torno das associações e, posteriormente, na Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro. Seu envolvimento político-partidário só ocorreu quando o movimento reconheceu a importância de ter aliados nas instâncias de poder para o atendimento de suas demandas. Leonel Brizola e o Partido Democrático Trabalhista (PDT) pareciam sintetizar as reivindicações do movimento de loteamentos, e a vitória expressiva de Brizola nas eleições estaduais seria o reflexo disso.

No mesmo período da fundação do PDT na zona oeste, Fernando teria participado de várias ocupações de terrenos ociosos, tendo sido, inclusive, detido numa dessas ocasiões por ser reconhecido como um dos líderes do grupo. Segundo ele, os principais problemas, para além da questão da urbanização, eram o da legalização e o dos mutuários. Muitos moradores, inclusive ele, haviam financiado a compra de suas casas e não conseguiam pagar as parcelas devido aos aumentos abusivos.

A saída do PDT, em 1992, e a posterior entrada no seu partido atual seriam decorrentes de uma arbitrariedade de Brizola. Segundo Fernando, o então governador e líder do PDT, através de uma intervenção autoritária, teria impossibilitado a candidatura de Marcos Santana (indicado de Marcello Alencar) à Prefeitura do Rio de Janeiro, já que este não era o seu candidato. Fernando, por ser manifestamente contrário à decisão do líder pedetista, foi “punido” e quase não obteve legenda para o cargo de vereador. Por conta da demora em conseguir a legenda, não conseguiu se eleger

seu quarto mandato. O parlamentar se apresenta como alguém experiente, que já sabe transitar pelos diferentes meios e costurar apoios. Ao se remeter ao primeiro mandato, o vereador lembra das frustrações e das derrotas sofridas em decorrência principalmente de sua “ingenuidade”. Atualmente, todavia, ele seria a “voz da experiência”, capaz de ajudar os “desorientados” neófitos. Esses “calouros”, segundo ele, seriam tão despreparados que precisam de seu conselho nas tarefas básicas de rotina (como assinar ou não a sessão ordinária). É com orgulho, então, que se apresenta como veterano e realça suas habilidades de negociação, reconhecendo a importância de “ter jogo de cintura” na barganha política, pois não se sustentaria politicamente votando apenas de acordo com seu próprio julgamento. Para ter projetos aprovados, o vereador considera ser necessário estabelecer acordos com seus pares e votar em alguns de seus projetos, ainda que não lhes pareçam pertinentes.

Na Câmara de Vereadores, Fernando dedica-se à apresentação de projetos de lei e emendas voltados, sobretudo, para a zona oeste da cidade, tais como execução de obras públicas, construção de estação de tratamento de esgoto, criação de praças públicas, ciclovias e centros culturais. A própria maneira pela qual Fernando discursa no plenário ao defender seus projetos e posições políticas indica essa “territorialização” do mandato, sendo usual a utilização de pronomes possessivos na referência à região: “a minha zona oeste”. Ao se dirigir aos moradores da sua base eleitoral, em reuniões comunitárias ou eventos, o vereador também evidencia seu comportamento de mediador, enumerando diversos projetos de lei defendidos ou apresentando as emendas divulgadas no Diário Oficial do Poder Legislativo do Município do Rio de Janeiro.

Através dos recursos disponíveis no gabinete, como selos e telefones, o vereador estabelece contato direto com seus potenciais eleitores. Existe, inclusive, um funcionário responsável exclusivamente pela preparação das cartas de felicitação de aniversário, agradecimento dos votos ou de pedido destes. Pela mala-direta – envio de cartas aos potenciais eleitores –, cadastra seus contatos por meio dos centros sociais, onde cada “cliente” – usuário ou aluno – tem uma ficha de identificação.

A mala-direta, que contém cerca de 80 mil contatos, parece exercer uma dupla função: aproximar e cobrar apoio dos eleitores. Se, de um lado, a carta reforça os vínculos estabelecidos na utilização dos centros sociais por meio da recordação de uma data comemorativa, por outro, ela é uma espécie de lembrete de que Fernando é aquele que está “sempre perto” e que se recorda dos aniversários e das datas especiais, configurando-se, assim, como alguém em que se pode “confiar” e ao qual se “deve retribuir”. A gratidão dos moradores é expressa às vezes pela envio de cartas

Fernando, desejo encontrá-lo em paz com saúde, ao lado dos seus. Recebi a segunda carta agradecendo o nosso voto, em que continuaremos juntos com o mesmo objetivo. Pois precisamos de pessoas, decididas e guerreiras para ajudar o povo sofrido. O seu partido esteve aqui em nosso bairro. Eu não estava presente porque eu preciso [sic] saber sobre [sic] aposentadoria do idoso [...].

Por meio do trabalho legislativo, Fernando tenta respaldar sua condição de vereador-mediador entre moradores da zona oeste e poder público. Seus projetos e emendas, utilizados em situações de cobrança dos moradores ou de anúncio de “benfeitorias”, seriam indicativos de seu “compromisso” com a região. É interessante também o estreitamento dos laços entre representante e representados através da mala-direta ou dos telefonemas feitos no próprio gabinete para a resolução de assuntos ligados aos centros sociais (para marcar consultas ou avisar os dias de formatura, por exemplo).

Centros sociais e “eventos de rua”

Embora tenha sido planejado antes mesmo de sua vereança, o primeiro centro social de Fernando só foi montado em 1997, assim que ele ganhou as eleições. Dona Bárbara, antiga coordenadora do centro social de Águas Claras, comenta que, ao contrário dos demais políticos, que abrem centros sociais para obterem voto, Fernando montou o centro social após as eleições. Dessa forma, o vereador seria “desinteressado” porque não utilizou os centros sociais como meio de barganha eleitoral. Na entrevista realizada, Fernando declara:

O estatuto do centro social é Centro Social e Político Vereador Fernando. Na época, quando se pensou num centro social, é uma forma de manter a comunidade discutindo as questões do dia a dia. E eu sempre achei importante ter o referencial na região em que as pessoas pudessem saber onde funciona, onde tem, onde se discute, onde se tem a oportunidade de falar o que pensa [...] “Então eu vou fazer um centro social.” [...] “Eu vou fazer um centro social e vou atender as pessoas e vou fazer um centro social que dê a oportunidade pra quem quer aprender uma profissão.” Porque não é nada, não é nada ... mas a mulher que tá desempregada em casa, ela sabendo uma profissão, ela vai cortar cabelo em casa, vai ganhar um dinheiro, ela vai fazer o curso profissional [...] “Vou montar um centro social de

Apesar de assegurar que a ideia inicial não era a de construir um centro de atendimento e, sim, um espaço de discussão política e de capacitação da mão-de-obra local, Fernando explica que essa mudança se deve aos novos “rumos” da política. Com esse discurso, o vereador pretende promover um ajuste das suas práticas com o atual “jogo político”, isto é, ele precisaria se enquadrar, utilizando esses dispositivos, para continuar desenvolvendo seu trabalho “em prol” da *sua* região. Segundo o vereador, a política “foi mudando a forma” e as pessoas “não discutiam mais”. Assim, Fernando teve de se adaptar às novas demandas.

O primeiro centro social de Fernando foi aberto no bairro em que ele nasceu, Caxangá. Os dois outros centros sociais mantidos pelo parlamentar também estão localizados em bairros da zona oeste da cidade. Pintados com as cores do partido político de Fernando, todos os centros funcionam da mesma forma, diferindo-se apenas em alguns cursos e serviços de assistência oferecidos. Funcionando de segunda a sexta-feira, das 8 às 20 horas, e aos sábados, das 8 às 12 horas, os centros sociais têm em média 80 funcionários (professores, faxineiros, secretárias etc). Em geral, os centros do vereador dispõem dos seguintes cursos e serviços de assistência: informática, cabeleireiro, manicure, entrelace, desenho artístico, modelo e manequim, artesanato, lambaeróbica, advogados (na vara de família), ginecologista (com realização de exame preventivo), fonoaudiólogo e psicólogo.

As pessoas, para serem atendidas, devem fazer seu cadastro nos centros sociais e pegar suas senhas. Os registros das pessoas atendidas são encaminhados ao gabinete para inclusão na mala-direta. Em todos os serviços de assistência, o atendimento é feito por ordem de chegada. As pessoas organizam uma fila antes mesmo da abertura do centro social e, posteriormente, recebem senhas dos funcionários e fazem seu cadastro. A primeira consulta com o fonoaudiólogo funciona exatamente da mesma forma, entretanto, a continuidade das consultas se dá com horários marcados, sendo qualquer alteração avisada por telefone.

Além das “assistências” e dos cursos, o vereador realiza uma atividade, classificada por ele como “atendimento”. Nesse dia (em geral, uma vez por mês, em dois de seus centros), os moradores chegam cedo no centro social e são organizados em fila. Em seguida, a equipe do vereador distribui senhas e classifica a natureza da demanda. O vereador, que chega por volta de oito horas da manhã, cumprimenta as pessoas e se encaminha para a sala do advogado, onde conversa com os moradores, acompanhado de uma assistente encarregada de anotar os compromissos e os pedidos dos moradores.

Nessa atividade de contato direto com os moradores, Fernando não tenta apenas demonstrar presen-

fazendo brincadeiras), mas também criticar o poder público que – personificado na figura do prefeito ou do governador – seria negligente em relação à zona oeste, especialmente no que se refere ao setor de saúde. Suas críticas também são dirigidas aos demais políticos locais, que não se comprometeriam de fato com os moradores, já que aparecem para “ajudar” apenas em período eleitoral, abandonando a população nos anos não eleitorais.

As demandas nesse tipo de atividade são variadas: dinheiro para remédio, material de construção, dinheiro para fazer exame que não é oferecido pelos hospitais públicos, pagamento de dívidas, emprego, cestas básicas, bolsa de estudo em faculdades particulares locais, cobrança de obras inacabadas, aconselhamentos sobre situações jurídicas, dicas de como montar uma associação de moradores ou de como organizar abaixo-assinados, cadeiras de roda, óculos (são doados cerca de cinquenta por mês), entre outras.

O “atendimento” é tomado quase como uma obrigação, pois estar na condição de “poder doar” confere uma posição privilegiada na relação com os moradores/eleitores. Nos dias de “atendimento”, o vereador leva pelo menos mil reais em dinheiro para “ajudar seu povo”. Existe continuamente uma preocupação em não fazer promessas impossíveis de serem cumpridas, procurando não “iludir” as pessoas e comprometer sua imagem. Nos outros casos, de remédio, cadeira de rodas, por exemplo, Fernando manda sua equipe ou o próprio atendido comprar. Ao entregar o dinheiro nas mãos do morador, o vereador não demonstra apenas que ele é um “amigo”, que ajuda quando é necessário, mas também que existe uma relação de cumplicidade e confiança entre ele e o morador.

Quando a pessoa atendida é um antigo conhecido do vereador, ele pergunta: “O senhor se lembra da ocupação e da urbanização que a gente fez?” O resgate do passado por meio de alguma “luta” ou realização de obras também é uma tentativa de aproximar-se do morador e reforçar o vínculo estabelecido anteriormente. Não se pode supor, entretanto, que os laços construídos no processo de ocupação (na década de 1980) são os mesmos verificados em ocasião de realização de demandas, como das obras, por exemplo. Naquela ocasião, embora reconhecido como liderança, Fernando atuaria *junto* aos moradores (“companheiros de luta”), enquanto hoje, já investido do seu mandato, Fernando é alguém que trabalha *para* os moradores.

De todo modo, recorrer ao passado é uma espécie de lembrete da sua frequente participação na vida dos moradores, seja pelo “trabalho político”, como a ampliação da iluminação ou a pavimentação de uma rua, seja pelo “trabalho social”, com a criação e a manutenção de centros sociais. Essa distinção entre “trabalho político” e “trabalho social” é feita pela própria parla-

que seu trabalho ultrapassa as funções assumidas por um membro da Câmara de Vereadores. É habitual a referência do seu trabalho como contendo “um *plus* a mais”, reforçando, até por meio da redundância, a dimensão da “ajuda” prestada. O próprio parlamentar afirma que seu papel como representante da Câmara de Vereadores não é o de oferecer atendimentos e serviços gratuitos e sim o de legislar: elaborar, aprovar e recusar projetos de lei; fiscalizar o Poder Executivo. Contudo, Fernando alega não preterir a função legislativa. Pelo contrário, ele é um dos vereadores mais assíduos e elabora diversos projetos voltados para a “sua” região. Assim, ele não abandona suas funções de vereador para se dedicar ao trabalho nos centros sociais. Nas palavras de Fernando: “[...] o meu papel de vereador eu faço, só que no meio disso tudo ainda consigo fazer [...]. Enquanto tem vereador que acorda de manhã, vai andar no calçadão, vai malhar na academia, de manhã eu tô no centro social atendendo”.

Os dias de formatura dos alunos dos cursos oferecidos pelos centros sociais também são uma ocasião importante para a aproximação entre o vereador e os moradores. A festa de formatura começa antes da chegada do vereador, que só se encaminha para o centro social quando é informado de que o local está cheio. O coordenador do centro abre o evento com alguma exaltação ao vereador; ele discursa; os professores falam e os diplomas são entregues pelo próprio Fernando. Sua fala remete-se à importância da formatura num curso que investe no potencial das pessoas visando a sua capacitação profissional. Após os discursos, Fernando chama os formandos um a um, entrega os certificados e tira fotos. Sempre comenta orgulhoso o número de pessoas formadas e destaca a importância dessa “conquista” para os moradores da zona oeste, usualmente associados às noções de necessidade e problema. A vestimenta dos formandos, assim como a presença de seus familiares na festa de formatura são aspectos que ressaltam, segundo o vereador, o valor conferido ao serviço prestado.

O vereador aproveita essas ocasiões para se diferenciar dos maus políticos, classificando seu trabalho como uma oportunidade para qualificar uma mão-de-obra “excluída”, sujeita às piores condições de vida: precariedade de infraestrutura, baixa escolaridade, entre outras dificuldades. Numa tentativa de realçar a natureza de seu “trabalho social”, o parlamentar recupera seu slogan “Eu não dou o peixe pronto, dou a vara de ...”, e as pessoas presentes completam “pescar”. Ao afirmar que o objetivo de seu trabalho é o de abrir o leque de possibilidades para uma população “carente”, Fernando procura retirar o cunho clientelista/assistencialista usualmente atrelado aos centros sociais mantidos por parlamentares.

(em geral, praças). Com esse evento, realizado dentro dos bairros, o vereador reitera sua forma de fazer e perceber a política: próxima dos eleitores e realizada continuamente. Tal estratégia seria reforçada com outras “atividades de rua”, como bingos (Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia dos Namorados), distribuição de brinquedos no Natal e reuniões com as “comunidades” (maneira pela qual são nomeados os bairros da zona oeste em que Fernando atua) para a resolução de problemas locais.

No evento Pertinho de Você, a equipe do vereador monta barracas para manicure, cabeleireiro e dentista. Também são disponibilizadas piscina de bolas e cama elástica para a diversão das crianças. É importante destacar que os “profissionais” responsáveis pelos serviços prestados, como o de manicure e cabeleireiro, são os alunos dos cursos dos centros sociais, que trabalham sob a coordenação de seus professores. Geralmente, o evento conta ainda com a apresentação dos alunos do curso de modelo e manequim e com a realização de um bingo.

A chegada do vereador é anunciada no microfone; ele pede a palavra e faz um breve discurso que se remete normalmente a algum outro período em que esteve presente no local. Na maioria das vezes, não toma muito tempo falando, já que sua principal atribuição nesses eventos parece ser a de “se fazer presente” e ouvir as demandas e reclamações dos moradores. O significado da atividade parece estar inserido num conjunto de símbolos acionado pelo vereador na sua constituição como “político da zona oeste” nos mais diversos aspectos. Ao mesmo tempo em que é “da” zona oeste (nascido, criado e morador da região), conhece a rotina e, conseqüentemente, dialoga com os valores e os problemas vividos pelos moradores; ele é alguém com status diferenciado e acesso aos diversos órgãos públicos para a resolução de problemas (além da elaboração de projetos de leis e emendas na Câmara de Vereadores) e recursos econômicos (conferidos pelo cargo ocupado) para o atendimento das demandas mais pontuais e imediatas, como material de construção ou uma cadeira de rodas, por exemplo.

Em todos os “eventos de rua” promovidos pelo vereador, ele se comporta da mesma forma. O conteúdo dos discursos, em geral, é o mesmo: o vereador não utiliza a gramática política tradicional (votos, eleições etc), mas recorre ao passado com a intenção de fortalecer os compromissos entre representante e representados. A relação de confiança entre Fernando e sua base estaria assentada no trabalho permanente do vereador que, por conhecer bem a vida local, consegue “ajudar” seus moradores. Mesmo não sendo proferida, esta é a mensagem de quase todo o contato com os moradores. É como se o fato de estar presente na ocasião, promovendo eventos ou disponibilizando

Etnografia de uma campanha política: o caso do loteamento Boa Esperança

É “tempo de política”:² candidatos “invadem” os bairros da cidade, distribuem material de campanha, fazem discursos em carros de som e pedem votos. Tal cenário, reproduzido em toda a cidade do Rio de Janeiro, não foi muito diferente no Boa Esperança, situado na zona oeste carioca. Em setembro, intensificou-se o burburinho característico desse período. Além da colocação de placas nas casas dos moradores, pude acompanhar alguns eventos organizados para anunciar os candidatos.

Nas eleições de 2008, na cidade do Rio de Janeiro, o número de candidatos para o cargo de vereador foi de 1.224.³ Apesar de ter observado a circulação do material de campanha de muitos candidatos, dediquei-me principalmente à análise da campanha de Fernando e de Alfredo, candidato adversário pertencente a outro partido político. A partir da etnografia que realizei no Boa Esperança (desde março de 2008), discutirei os possíveis pontos de contato e as diferenças nas estratégias de adesão entre Fernando e o candidato Alfredo. O estudo será baseado principalmente no material distribuído, nos sites (pessoal e da Câmara) dos dois candidatos e em alguns dos contatos estabelecidos entre eles e os moradores do Boa Esperança.

A campanha de Fernando foi bem parecida com a dos outros candidatos: além de sua equipe colocar placas nas casas, carros de som circulavam pelo bairro tocando seu *jingle* de campanha:

Fernando (3 vezes). É meu vereador (bis)
É Fernando não esqueça.
[número do candidato], é Fernando na cabeça.

Vai à luta, é guerreiro
Quem trabalha tem história pra contar
Através dos Centros Sociais,
Fernando dá a vara de pescar.
Cada vez mais perto de você,
Fernando dá a vara de pescar.

Vem, vem. Chegou a hora.
Lutarmos juntos, comunidade
Fernando, Fernando, Fernando
Tem compromisso com a sociedade
[número do candidato]
Tem compromisso com a comunidade.

No *jingle*, Fernando aparece como “guerreiro”, aquele que tem “compromisso com a comunidade”, por estar “cada vez mais perto” (através dos eventos e das reuniões nas comunidades) e por dar “a vara de pescar” (por meio dos cursos profissionalizantes oferecidos em seus centros sociais). Ou seja, a comprovação de sua “luta” pela zona oeste seria justamente o trabalho realizado ao longo do ano e em todos os anos, sendo eles eleitorais ou não.

Como seria plausível supor, ele não era o único candidato que se apresentava como legítimo representante da zona oeste. O candidato Alfredo⁴ – o “vereador do prefeito” – também se colocou na condição de porta-voz da região, apesar de não ser morador dessa zona oeste “mais pobre”.⁵ Em seu material de campanha, ele colocou em destaque algumas de suas “conquistas”, tais como: as obras de saneamento em Sepetiba e Guaratiba, a implantação da Companhia Siderúrgica do Atlântico (CSA) em Santa Cruz, a duplicação e a modernização da produção da Michelin em Campo Grande e a ampliação do “Ônibus da Liberdade” (responsável pelo transporte de crianças das escolas municipais da zona oeste).

Para reiterar sua dedicação à melhoria da qualidade de vida dos moradores dessa região, um dos panfletos de Alfredo reuniu ainda a opinião de alguns moradores da zona oeste acerca de seu trabalho. Na seção intitulada “O povo fala”, podem ser encontrados os seguintes comentários (com foto ao lado):

O Vereador Alfredo conhece a nossa região e está sempre procurando atender nossas necessidades. (...).
Moradora de Santa Cruz.

O vereador Alfredo é um dos poucos políticos que atuam na região o ano inteiro. É um vereador de palavra e muito importante para Santa Cruz. Membro da Associação de Moradores do Caxias.

Nesses panfletos, Alfredo tenta se apresentar como “alguém que faz”, quem tem “compromisso” com a região. Sua posição de mediador estaria confirmada pelo conhecimento técnico acumulado (ele é graduado e tem especialização em Políticas Públicas), pelas boas relações com o Poder Executivo (no caso, o prefeito) e pela proximidade com os moradores da região (o que lhe permite conhecer os problemas locais). Assim, ele estaria transitando entre diferentes “espaços” (sociais, simbólicos e culturais) para melhor atender às diversas demandas. Entretanto, numa escala mais micro – como é o caso do loteamento Boa Esperança –, como o candidato se aproximou dos mora-

² Expressão desenvolvida originalmente por Palmeira e Heredia (1995).

³ Informação extraída do site do Globo.

dores? Como ele tentou se representar como vereador atuante naquele local específico?

Para se aproximar do “universo” dos moradores do loteamento, Alfredo recorreu a um morador que exerce a função de animador cultural do bairro – o Carlinhos. No carro de som que andava na frente do carro de Alfredo, numa carreta realizada no final de setembro, estava Carlinhos. Ao microfone, ele pedia que os moradores do Boa Esperança “apoiassem” esse candidato que já estava trabalhando pelo bairro e que pretendia fazer muito mais. Eu havia conversado com Carlinhos antes desse dia porque alguns moradores mencionaram que ele era o principal organizador de eventos no local (bingos, festas de comemoração do aniversário do Boa Esperança, carnaval, entre outros).

Em outra ocasião, fui informada de que haveria um evento gospel no local e como o patrocinador do evento,⁶ segundo Maria (moradora do Boa Esperança), era o Alfredo, resolvi comparecer. Enquanto o palco estava sendo montado, algumas pessoas da igreja (que era responsável pelo evento, juntamente com Carlinhos) distribuíam papéis com mensagens religiosas e também um panfleto assinado por Carlinhos:

Boa Esperança: 59 anos com conquistas e avanços

Neste momento festivo em que o nosso Boa Esperança completa 59 anos, com conquistas e avanços, aproveitamos para saudar dois grandes amigos do nosso bairro: nosso futuro prefeito, e Alfredo, o vereador que tem lutado de forma permanente por novas conquistas para o Boa Esperança.

Ao futuro prefeito, o Boa Esperança tem a agradecer a construção da Escola Municipal Tatiana Memória, que trouxe para a nossa região um novo modelo de escola pública, que respeita e estimula nossas crianças.

Quanto ao Alfredo, o Boa Esperança tem a agradecer, entre muitas outras obras já realizadas, mais uma importante obra: a iluminação da Praça 7, que trouxe alegria e lazer a milhares de crianças e adolescentes, bem como aos moradores do entorno da Praça.

Valeu, [candidato à prefeitura do Rio de Janeiro]!

Valeu Alfredo!

Nestes, eu confio e voto!

Carlinhos

Através desse panfleto, é possível pensar que o papel de Carlinhos na campanha de Alfredo é extremamente importante. Ele, na condição de morador antigo e de organizador de festas, faz a mediação entre o candidato e a população do Boa Esperança. Sua “credibilidade”, aparentemente conquistada por conta da dedicação ao lazer e ao entretenimento local, se-

ria transferida para o candidato que ele está apoiando. Apesar de procurar construir sua imagem pública vinculada à zona oeste, Alfredo parece reconhecer que, além de ter contatos (com o prefeito, por exemplo) para o atendimento das demandas locais, ele precisa estar mais próximo da vida dos moradores. Só assim ele poderia se distanciar da descrença que se tem em relação aos políticos de modo geral. E, como seu trabalho naquela região não é tão reconhecido (e talvez não seja tão grande), ele recorre a um “intérprete cultural” (Velho, 1994), capaz de “introduzi-lo” naquele contexto específico.

Já Fernando, em sua quarta candidatura, não recorreu a nenhum morador para que o “apresentasse” ao Boa Esperança. Segundo uma moradora, ele apenas caminhou pelo loteamento (acompanhado de sua equipe), entregou os panfletos e conversou com os moradores. No segundo turno, na disputa pela prefeitura, ele teria feito Fernando Gabeira descer do carro e caminhar com ele. Ainda de acordo com o relato dessa moradora, eles teriam andado inclusive na parte não asfaltada do loteamento, que, na ocasião, estava cheia de lama. Esse relato, feito com uma certa admiração, parece revelar que Fernando é visto como alguém mais próximo, mais parecido.

Sendo “cria” da zona oeste e, ao mesmo tempo, membro da Câmara dos Vereadores, ele dispõe do “vocabulário local” e também da “gramática política” necessária para enfrentar as mais diferentes adversidades. Dito de outra maneira, o vereador seria um intermediário indispensável no atendimento das demandas populares, uma espécie de tradutor entre os valores e os dramas da população de uma maneira geral e as agências governamentais. Sua habilidade na resolução de problemas por meio de contatos (“capital político”⁷) e o seu conhecimento técnico (como no caso da regularização fundiária) são características que reiterariam sua posição privilegiada.

Os dois candidatos, ao meu ver, desenvolveram estratégias semelhantes: ambos falaram de seu *know-how* (seja por meio da formação escolar, da opinião do prefeito ou de um “trabalho que faz a diferença”) e os dois procuraram demonstrar um compromisso verdadeiro com a zona oeste da cidade (por conta dos projetos voltados para essa área, pela manutenção de grupos comunitários ou de centros sociais). No entanto, é possível notar uma distinção significativa entre os dois: um parece pertencer mais ao “universo” da região que o outro. E, justamente por conta disso, tem maior facilidade de trânsito.

Por ter nascido em Caxangá e ser morador dessa “zona oeste mais pobre”, Fernando parece ser reconhecido como alguém de “dentro”, enquanto Alfredo

⁶ Fui informada de que o candidato responsável pela iluminação

seria o “político de fora”. Por não conhecer tão bem a realidade do loteamento (seus moradores, seus problemas), por exemplo, ele teria recorrido ao animador cultural do Boa Esperança para fazer a mediação entre ele e os moradores. É comum que os candidatos se acusem mutuamente, numa disputa sobre quem é o verdadeiro “político de dentro”, isto é, aquele que, por pertencer ao local, conhece os dramas e os códigos e pode, dessa forma, exercer melhor o papel de mediador (solucionando os problemas e atendendo às demandas). Embora não tenha obtido o número de votos de cada candidato nessa região, de acordo com o relato de alguns moradores, Fernando parece ter saído vitorioso nessa disputa.

Considerações finais

Analisando a trajetória política de Fernando, é possível notar que o vereador parece congrega diferentes tipos de ações políticas: de um lado, realizou um trabalho reconhecido como “de base”, atuando em movimentos populares organizados (como ele próprio nomeia); de outro, atua na consolidação de centros sociais, caracterizados tradicionalmente como assistencialistas. Ele seria o “fenômeno da zona oeste” justamente porque aparece como um “político completo”, isto é, ele tem um passado de “luta” junto às associações de moradores, é um bom legislador (na medida em que atua ativamente com projetos para a “sua” região) e tem um “*plus* a mais”, que seria a manutenção de centros sociais e a realização de eventos.

Os elementos fundamentais para a reiteração de Fernando como representante da zona oeste seriam, portanto, a natureza de seu trabalho (“social” e “político”); o alcance desse trabalho (pois os centros sociais são distribuídos em vários bairros da zona oeste e os eventos também ocorrem em vários lugares); e sua duração (ele está no seu quarto mandato e seu trabalho é realizado durante todos os anos, eleitorais ou não). Fernando circularia pelos diversos ambientes, sendo capaz de articular redes e parcerias com outros parlamentares e diferentes campos do poder público para atender às demandas dos moradores por meio de suas qualidades como representante do Poder Legislativo e interlocutor por excelência dos moradores da zona oeste. Essa mediação entre o Legislativo e o Executivo, embora distinta daquela estabelecida entre a população e as instituições, configurar-se-ia em re-

curso para esta e vice-e-versa, ou seja, tratar-se-ia de relações interdependentes.

Como já foi dito, é usual ouvir o vereador falar da zona oeste como “sua” região, “sua comunidade”, o lugar em que nasceu e foi criado e o lugar também que, por sua própria escolha, ainda mora. Do mesmo modo, é por meio do vereador que os moradores conquistam equipamentos e serviços públicos (como a troca de iluminação em vários bairros), reforçando assim a aliança entre Fernando e a “comunidade” como único meio de alcançar os “acessos”. Ao se *apropriar* da zona oeste e ao concentrar os “acessos”, o vereador enquadrar-se-ia numa lógica social “privatista” (doméstica) em que a política não envolve “meios generalizados de troca” (Parsons, 1951). Seu papel de mediação, nesse sentido, seria imprescindível à população local, na medida em que não compartilha com os potenciais eleitores suas “entradas”. Pelo contrário, ele “fecha” essa rede, numa tentativa de valorizar a importância do seu papel na relação. O parlamentar configura-se, de tal modo, como peça central nessas relações, agindo como “mediador de alianças e intérprete cultural” entre esses diferentes domínios (Velho, 1994; Diniz, 1982). Para ter poder, o vereador precisa, então, monopolizar os “acessos”, tornando sua posição uma espécie de “status” e contribuindo, por conseguinte, para a produção de um tecido social cuja marca é a “interrupção”. Em outros termos, poder-se-ia dizer que, no lugar de “suturar” as relações sociais, o vereador promove uma “ruptura” entre estas.

Sua posição privilegiada acaba por funcionar como uma barreira, ou seja, ela interrompe a publicização/democratização. Em outros termos, o grupo representado pelo vereador, por ter uma compreensão segregada da esfera pública, pensa não ser possível o acesso direto, como cidadãos plenos, às instituições públicas, acabando por legitimar o político como seu mediador. A especificidade desse tipo de relação reside no fato de que o “representado” não está presente como sujeito na “representação” que concede ao político, embora requeira que ele seja seu intérprete. Há, portanto, diferença de qualidade e de verticalidade nesse tipo de mediação, na medida em que há monopólio dos acessos e, consequentemente, fragmentação da noção de “público”. Ou seja, ao mesmo tempo em que são um elemento da democratização, os “mediadores” são uma restrição a ela. Tal questão parece passar as relações entre os políticos e suas bases sociais, na tensão constante entre “interesses” e “identidade”, entre proximidade e desconfiança.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Difel; Bertrand Brasil, 1989.
- DINIZ, Eli. *Voto e máquina política: patronagem e clientelismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. (Estudos brasileiros, 59)
- GOLDMAN, Marcio; SANT'ANNA, Ronaldo S. Elementos para uma análise antropológica do voto. In: PALMEIRA, M.; GOLDMAN, M. (Orgs.). *Antropologia, voto e representação política*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1996, p. 13-40.
- _____. *Como funciona a democracia: uma teoria etnográfica da política*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.
- KUSCHNIR, Karina. *Antropologia da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- _____. *O cotidiano da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- PALMEIRA, Moacir; HEREDIA, Beatriz. Os comícios e a política de facções. *Anuário Antropológico*, 94, 1995.
- _____; GOLDMAN, Marcio (Orgs.). *Antropologia, voto e representação política*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1996.
- PARSONS, Talcott S. *The social system*. New York: The Free Press, 1951.
- SIQUEIRA, Raíza Alves de Sá. *Eu não dou o peixe pronto. Dou a vara de pescar: estudo do cotidiano de um membro da Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj).
- VELHO, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, v. 1.

Political mediations: a study on the everyday life of a council member in Rio de Janeiro

Abstract

I closely followed, between November 2005 and November 2006, the daily life of a city council member who has his core constituency in the western part of the city of Rio de Janeiro. This council member established three social centers that offer free services to the local population. Besides that, he organizes several events in a year. The main objective of this article is to reflect on the process through which he became the mediator between the public power and local residents. Therefore, I also analyze the 2008 electoral campaigns in order to discuss the strategy he used to approach the electors.

Key words: mediation; politics; elections; social centers.

Mediaciones políticas: estudio del cotidiano de un concejal carioca

Resumen

Acompañé, entre noviembre de 2005 y noviembre de 2006, la rutina de un miembro de la Cámara de Concejales de Rio de Janeiro, que posee su base electoral en la zona oeste de la ciudad. El concejal, además de mantener tres centros sociales donde ofrece servicios y horarios de atención gratuitos para la población local, organiza muchos eventos a lo largo del año. El objetivo principal es reflexionar sobre su proceso de constitución, mientras mediador entre poder público y habitantes. Para tanto, analizo también las campañas electorales de 2008, con el objetivo de discutir su estrategia de aproximación con los electores.

Palabras clave: mediación; política; elecciones; centros sociales.

Data de recebimento do artigo: 16-02-2009

Data de aprovação do artigo: 14-05-2009